

O perdão. Por Juliana Fernandes Gontijo.

A venda do “seu” Valcir Meireles lá nos Cajuru, oeste de Minas Gerais, era bem famosa na região nos anos de 1940. O comércio à beira da estrada atraía muitos caixeiros viajantes e caminhoneiros que passavam por ali em busca de um café, uma cachaça ou para comprar algum mantimento.

O local era bem movimentado. Ele vendia a granel arroz, feijão, milho, café, açúcar. Vez por outra, tinha abóbora, alface, couve, repolho e outras verduras e legumes que a vizinhança lhe fornecia. Alguns produtos enlatados, como sardinha e leite condensado, faziam parte do estoque do seu Valcir, além de uma boa cachacinha. O comércio vendia frango, banda de porco (metade do animal), rachado ao meio da cabeça aos pés. Ele dizia que o porco inteiro não valia a pena vender, porque era muito caro, assim ficava “empacado” no estabelecimento.

Valcir era conhecido na região por vender o tal do “Chebreuzado”: mistura de uma lata de leite condensado, outra de sardinha e uma dose de cachaça. Os fregueses faziam a mistura dos três ingredientes e mandavam goela abaixo. Os mais novos da região não têm ideia viva do que seus antepassados comiam com uma boca boa à beira da estrada!

O homem ia levando a vida com a família. Vez por outra a mulher, Anna Carolina, o ajudava na venda, além dos filhos mais velhos. Como todo vendedor, também tinha os devedores que nunca pagavam a compra fiada. Ele deixava isso acontecer somente uma vez. Não cobrava, apenas anotava o nome do devedor em um pedaço de quadro quebrado (daqueles de escola) que ficava perto da porta. Como resposta, o devedor não aparecia por lá até pagar a conta.

E assim continuava com a venda entre um pequeno prejuízo e outro que tomava dos fregueses. No entanto, com os cobradores de impostos, ele passava a ser o devedor. A venda não “fazia” tanto dinheiro assim, logo ele deixava de pagar as “obrigações com o governo”.

Sebastião Gonçalves, um fiscal da fazenda, era a pedra no sapato de seu Valcir. O funcionário público parecia ter o faro aguçado para todas as mercadorias que o comerciante colocava à venda.

O marido de Anna Carolina mal dispunha um mantimento novo no balcão e não dava uns dois dias para o Gonçalves aparecer, tirando satisfação pelo produto.

Sempre que o carro do fiscal surgia do outro lado da estrada, seu Valcir já fazia o sinal da cruz para tentar se acalmar.

"Lá vem o maldito do home de novo! Isso só pode ser algum freguês que está fazendo a fofoca lá no centro da cidade."

— Bom dia, seu Valcir. Tudo bão, né? E o imposto atrasado, vai pagar hoje?

— Ô sô Gonçalves, custei, mas arrumei uns trocados a mais, pois minha Dona fez uns vestido prum casamento na roça.

— Então tá tudo certo. O seu nome sai da lista de devedores lá na repartição.

Valcir estava aliviado. Havia dois meses que devia ao fisco. Quando Gonçalves já estava de saída, olhou para o lado e viu uma banda de porco no fundo da venda:

— E essa banda de porco aí, seu Valcir? Já vendeu o outro lado, né? Então passa pra cá o imposto. São 10 por cento da venda.

— Não vendi, não, Gonçalves. Num dá pra colocar à venda o porco inteiro. Num tem saída.

— Esse trem tá errado, seu Valcir. Que negócio é esse de vender só a metade?

— Num tem saída, já disse. O povo não compra e a carne dá bicho e depois quem vai comê?

— Tá anotado aqui no livro da repartição: “porco inteiro com imposto de 10 por cento sobre a venda ou uma banda é 20 por cento.”

— Pelo amor de Deus, seu Gonçalves! Eu não tenho dinheiro pra pagar isso tudo. Nem os 10 por cento.

— Daqui a três dias, volto eu pra cobrar 20 por cento. Se não tiver o dinheiro, o estabelecimento será fechado e a multa é dobrada.

Gonçalves retornou à venda por mais cinco vezes, mas seu Valcir não tinha o dinheiro para pagar a banda do porco que nem havia sido vendida.

Ao fim de três semanas, um forasteiro lhe comprou a carne pela manhã. À tarde, lá estava novamente o fiscal. “Esse home só pode ser um cigano vidente. Nem bem vendi a banda e ele já me aparece aqui. Eu queria, ao menos, sentir o cheiro dos contos de réis.” Novamente, o homem “se benzeu” com o sinal da cruz por três vezes. Já havia pedido à sua mãe que colocasse sua venda nas orações do saco de reza para que Gonçalves não fechasse o estabelecimento.

De nada adiantou! O fiscal parecia estar possuído pelo capeta e, sem cumprimentar, foi logo dizendo:

— Os 20 por cento da banda do porco, porque estou com pressa hoje. Ou eu fecho essa birosca!

— Eu tive que pagar umas dívidas de saúde dos minino, seu Gonçalves.

— Não me interessa. Sem dinheiro, venda fechada!

— Por favor, seu fiscal! Ajude esse pobre home aqui. Ele mal cuida dos filho e da esposa que parece que tá adoentada.

— Estabelecimento fechado, Valcir Meireles! Vai fechando a porta e, já sabe, seu nome está sujo. Não adianta discutir.

Aquela foi a última vez que viu Gonçalves, o temido fiscal do governo.

O marido de Anna Carolina não teve alternativa a não ser fechar a venda. Gonçalves escreveu num quadro na porta. “Interditado, porque deve ao fisco.” Sem dinheiro também para pagar o restante dos fornecedores, Valcir saiu da cidade às escondidas com os filhos e a mulher, levando a mobília no caminhão do sogro.

Os anos passaram e, com muita dificuldade, seu Valcir refez a vida. Foi para a capital e começou a trabalhar na construção civil. A mulher, sacoleira de roupas, ajudava no que podia. Cada um dos 12 filhos foi tomando um rumo na vida.

O tempo sofrido no Cajuru ficou apenas na memória. Para comemorar 45 anos de casado, o casal ganhou, de vaquinha dos filhos, uma viagem para os Estados Unidos. Na tentativa de tirar o visto da viagem, Valcir e Anna Carolina levaram um susto:

— Lamento senhor, mas infelizmente não podemos conceder o visto porque consta em nossos arquivos uma dívida de 1946 referente a uma banda de porco. O senhor se lembra disso? Processo 2551/46 e atualizando o valor, fica em 45 mil cruzeiros.

Valcir abaixou os olhos e respondeu:

— Nem me lembrava disso mais, moço. É muito dinheiro. Eu não ganho isso tudo. Fiquei sabendo por uns conterrâneos lá do Cajuru que, com 20 anos, a dívida seria perdoada.

— Negativo senhor, consta aqui nos autos do processo. Não podemos conceder o visto. Próximo! — Chamou o funcionário da embaixada.

Já havia passado 40 anos e o nome de Valcir ainda estava sujo.

— Ô mulher, num era pra ser, não é verdade? Eu não paguei até hoje, como vou fazer com isso agora?

Alguns anos depois, quando Amália, uma das filhas que trabalhava em um escritório de advocacia, lia o jornal pela manhã, encontrou o nome do pai no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais:

“Processo 2551/46. Dívida do senhor Valcir Meireles, referente à banda de porco vendida em 15 de dezembro de 1946, no município de Carmo do Cajuru/MG, perdoada. O nome do devedor deixa de constar nos autos do processo da dívida pública.”

A mulher deu pulos de alegria no escritório. Pegou o telefone e ligou para o pai:

— Mãe, sua benção! Chama o pai e avisa a ele que a dívida da banda do porco está perdoada depois de 50 anos. Agora vocês podem viajar em paz.

O pai atendeu ao telefone e ficou feliz, mas não o quanto gostaria:

— Ô minha filha, graças a Deus, a dívida foi perdoada, né? Mas eu não posso mais viajar. A idade não permite. Quem sabe um dia, você faz esta viagem por mim?

Valcir desligou o telefone aliviado, parece que havia tirado um peso da cabeça. Sim, a banda de porco que tanto Gonçalves o fez passar vergonha no passado “caiu” de suas costas. Ele levantou a mão para o céu:

— Louvado seja Deus, minha mãe. Eu tive o perdão da banda de porco, mãe! Acabou. Agora eu posso morrer em paz.
